

CONTOS DO NASCER DA TERRA: A LUA, A TERRA E O POETA

CONTOS DO NASCER DA TERRA: THE MOON, THE EARTH AND THE POET

Heloísa Helena Siqueira Correia

Keily Martins Francisco

UNIR

Resumo: As narrativas de Mia Couto unem o mundo “real” e os elementos míticos para compor o cotidiano ficcional de Moçambique, são obras que espantam e ao mesmo tempo chamam o leitor para a reflexão sobre o mundo que o cerca. Além do diálogo constante com mitos tradicionais ou, ainda, apropriações e empréstimos da matéria mítica, é possível afirmar que a obra do escritor moçambicano também produz mitos que fazem pensar, o que se pode notar nas três narrativas selecionadas, todas elas presentes na coletânea *Contos do nascer da terra* (2014), a saber: O último voo do tucano, A luavezinha e Raízes. Nas narrativas estão presentes humanos, animais e plantas em diversos tipos de relações, desde um ritual de nascimento até a criação de um mito pelas próprias personagens da narrativa. Dialogando com o estudioso do mito Mircea Eliade e leitores da obra de Mia Couto, procederemos à leitura das narrativas selecionadas em direção ao fazer reflexivo e questionador.

Palavras-chave: Mia Couto. Conto. Terra. Mito. Mircea Eliade.

Abstract: Mia Couto’s narratives unite the “real” world and the mythical elements to depict the fictional daily life of Mozambique which are works that astonish and at the same time invite the reader to the reflection about the world that surrounds him. In addition to the constant dialogue with traditional myths, and also appropriations and borrowings of mythic matter, it is possible to affirm that the work of the Mozambican writer also produces myths that make us think, which can be noticed in the three selected narratives, all of them present in the collection *Contos do nascer da terra* (2014), such as: “O último voo do tucano”, “A luavezinha” e “Raízes”. In these narratives, humans, animals and plants are present in various types of relationships, from a birth ritual to the creation of a myth by the characters themselves. Dialoging with the myth scholar Mircea Eliade and readers of Mia Couto’s work, we will proceed to the reading of the selected narratives towards the reflective and questioning making.

Key-words: Mia Couto. Earth. Myth. Mircea Eliade.

Considerações iniciais sobre Mia Couto e sua p(r)oesia

As culturas e literaturas africanas sempre foram muito marginalizadas no Brasil e em todo o mundo, conforme argumenta Carmen Lucia Tindó Secco em *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos* (2008):

[Quando se pensa em África] duas imagens costumam surgir com frequência: a da Mãe - África idealizada pelos lugares-comuns de uma mítica “africanidade imaginada”, configurada por sons de tambores, danças sensuais, avós contadoras de histórias; e a da África dizimada por doenças, misérias e guerras. (SECCO, 2008, p. 24).

A imagem estereotipada trata todos os países africanos de modo homogêneo, como se houvesse *uma* única África e as culturas, crenças e literaturas não variassem de um país para outro. Entretanto, quando se entra em contato com essas culturas e literaturas, é possível verificar que as mesmas são riquíssimas e diversas, as literaturas africanas contemplam as mais variadas temáticas e uma das suas grandes vozes contemporâneas é Mia Couto, escritor moçambicano.

António Emílio Leite Couto (1955) é formado em biologia e filho de portugueses, o moçambicano tem obras traduzidas para diversas línguas, grande parte delas encontradas no Brasil. Tanto seus romances quanto seus contos contemplam temáticas que surpreendem o leitor e para essa análise formam selecionadas três narrativas, a saber: O último voo do tucano, A luavezinha e Raízes, todas presentes na obra *Contos do nascer da terra* (2014).

Segundo Luciana Moraes da Silva em *Novas insólitas veredas: leitura de A varanda do frangipani de Mia Couto, pelas sendas do fantástico* (2013), “[a composição de Mia Couto] une o ontem e o hoje, dando voz aos que foram silenciados, mas, principalmente, proporcionando um diálogo entre o mundo real e os elementos “mágicos” da terra: seus mitos, suas lendas, suas crenças, seu folclore.” (SILVA, 2013, p. 17). E são esses os elementos que estão presentes nos textos selecionados para essa análise, principalmente o que se pode compreender como elementos míticos que povoam a literatura, frutos de um diálogo constante entre literatura e mito.

O mundo visto sob a luz do luar: carecemos do nascer da Terra

A obra *Contos do nascer da terra* (2014) é composta por 35 breves e variadas narrativas que revelam o encanto e a magia do cotidiano de Moçambique, são histórias para contar para crianças na hora de dormir, e também narrativas extremamente fantásticas que encantam e ao mesmo tempo espantam o leitor, como os contos selecionados para essa análise. Algo que chama muito a atenção é a epígrafe da obra:

Não é da luz do sol que carecemos. Milenarmente a grande estrela iluminou a terra e, afinal, nós pouco aprendemos a ver. O mundo necessita ser visto sob outra luz: a luz do luar, essa claridade que cai com respeito e delicadeza. Só o

lunar revela o lado feminino dos seres. Só a lua revela intimidade da nossa morada terrestre.

Necessitamos não do nascer do Sol. Carecemos do nascer da Terra.¹ (COUTO, 2014, p. 5).

Em diversos lugares do mundo a Lua é respeitada e venerada, suas fases costumam ser comparadas com a vida do ser humano em seus altos e baixos. Segundo o estudioso do mito e das religiões Mircea Eliade, em *Tratado de história das religiões*, enquanto “[...] o Sol permanece sempre igual, sem qualquer espécie de ‘devir’. A Lua, em contrapartida, é um astro que cresce, decresce e desaparece, um astro cuja vida está submetida à lei universal do devir, do nascimento e da morte.” (ELIADE, 1998a, p. 127). A Lua, assim como o ser humano, está sujeita às mudanças, portanto a luz do lunar propicia uma visão que guarda sintonia com o devir.

Essa identificação com o astro também revela um desejo secreto dos seres humanos, segundo Eliade: “o homem reconhece-se na “vida” da Lua, não somente porque a sua própria vida tinha um fim, como a de todos os organismos, mas sobretudo porque ela tornava válidas, graças à “lua nova”, a sua sede de regeneração, as suas esperanças de “renascimento”. (1998a, p. 130). Segundo o estudioso, o astro lunar passa três dias sem aparecer no céu, ao final desse tempo ressurgente e o humano se identifica com esse processo na medida em que tem sede de saber o que há após a morte, e alimenta a esperança de que, assim como o astro, ele também renascerá ao final desse processo.

O estudioso dedica-se também a analisar a presença da Lua nas religiões, o astro lunar sempre foi esteve vinculado à mulher, às águas e à fecundidade enquanto o Sol estaria mais direcionado ao lado masculino das coisas e seres. Assim, é possível verificar essa diferenciação em festas realizadas pelos pigmeus africanos:

A festa da lua nova entre os pigmeus da África tem lugar um pouco antes da estação das chuvas. A Lua, a que chamam Pe, é considerada como “princípio de geração de fecundidade”. A festa da lua nova é exclusivamente reservada às mulheres, tal como a do Sol, é exclusivamente celebrada por homens. [...].

[Durante a festa da lua nova, as mulheres realizam rituais e pedem à Lua] que afugente os espíritos dos mortos e traga a fecundidade, dando à tribo muitas crianças, peixe, caça e frutos. (ELIADE, 1998a, p. 135).

Logo, a luz do Sol ou seu nascer simbolizaria a face masculina das coisas enquanto o nascer da Lua revelaria a face feminina. As mulheres seriam as responsáveis por clamar à Lua pela fecundidade, desde filhos até alimentos. A Lua e a Terra representam basicamente o início e o fim da vida já que “[...] os mortos vão para debaixo da terra ou para a Lua a fim de se regenerarem e de reaparecerem sob nova forma [...]” (ELIADE, 1998a, p. 140). As fases da Lua podem ser comparadas com as etapas da vida de um ser humano e até mesmo a passagem da vida para a

¹ Em seus contos e romances, Mia Couto grafa sempre os diálogos com uma fonte destacada, não só para distingui-los no corpo do texto, mas também para dar relevo à palavra falada – afinal, é no mundo da oralidade que Mia Couto recolhe as tradições africanas que deseja ver preservadas. (SILVA, 2008, p. 315).

morte. Conviver com a angústia de não saber o que se pode esperar após essa etapa é algo que obriga o humano a se comparar com outros seres e, assim como acontece com a Lua, o homem espera conseguir retornar desse ciclo após a morte.

O último voo do tucano: como ensinar o menino a ser da terra?

- Já abraçou a terra, filho?
- Já, pai.
- Os dois braços abertos sobre o chão?
- Um abraço como o pai ensinou.
- Então, vá se deitar.
(Mia Couto, *Antes de nascer o mundo*)

Existem gestações e gestações, mas nenhuma delas acontece de forma igual. Leva cerca de 40 semanas para se gerar uma nova vida humana e cada processo é único: o corpo da mulher se transforma para formar a nova vida e é muito comum ocorrerem mudanças emocionais, sonhos frequentes e os famosos “desejos”. Juntas, essas ocorrências compõem uma característica forte das mulheres grávidas.

O conto *O último voo do tucano* apresenta a história de uma gestação inusitada e impressionante. Enquanto esperava o nascimento do bebê, a personagem, futura mãe: “deitava-se de ventre para baixo e ficava ali, imóvel, quase se arriscando a coisa. Que fazia ela assim, barriga na barriga do mundo? - *Ensino o futuro menino a ser da terra, estou-lhe a dar pés de longe.*” (COUTO, 2014, p. 63). Esse é o primeiro comportamento inusitado da mulher. Ela já estava no sétimo mês de gestação e aquela atitude preocupava o seu companheiro. A expressão barriga do mundo vem da crença de que os homens foram paridos da terra, segundo Eliade no livro *O sagrado e o profano: a essência das religiões* (1992):

A crença de que os homens foram paridos pela Terra espalhou-se universalmente. Em várias línguas o homem é designado como aquele que “nasceu da Terra”. Crê-se que as crianças “vêm” do fundo da Terra, das cavernas, das grutas, das fendas, mas também dos mares, das fontes, dos rios. (ELIADE, 1992, p. 118).

Aquela mulher “[...] queria a viagem para seu filho” (COUTO, 2014, p. 63), pretendia que o mesmo se deslocasse para diversos lugares e para isso estava estabelecendo o contato do feto com a Terra Mãe, já que esta seria agora sua moradia. Segundo Greg Garrard em sua obra *Ecocrítica* (2006) “habitar [a Terra] não é um estado transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo de seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho.” (GARRARD, 2006, p. 155), logo, é necessário apresentar a esse indivíduo a sua moradia, uma vez que ele passará a estabelecer os mais diversos tipos de relações com este lugar.

O marido releva o comportamento aparentemente estranho da mulher e busca realizar todos os seus desejos, até que a personagem feminina resolve mudar o percurso daquele processo: queria gerar seu filho da mesma forma como os tucanos geram seus filhotes. Apesar de sua reação

de susto, o marido aceita o pedido e deduz: “não é só a barriga: cabeça dela também inchou [...]” (COUTO, 2014, p. 64). Em seguida, prepara-se para a rara gestação.

A inquietação do homem não cessa: “essa noite, ele contou as estrelas. A angústia lhe enxotava o sono. Fazer como os tucanos: somos aves, agora? Como recusar, porém, sem chamar desgraças? Assim, no dia seguinte, ele deu início à loucura.” (COUTO, 2014, p. 64). O homem fechou toda a casa, cortou o cabelo da mulher e raspou todos os pelos de seu corpo, “[...] imitavam a tucana que se depena para construir o ninho” (COUTO, 2014, p. 64), depois ela se despiu e se despediu do marido que deveria prover mãe e filho de todo o alimento e recursos necessários.

Quando se aproxima o momento do nascimento, a mãe pede que o pai se afaste e espere pelo nascimento; e foi isso o que fez, esperou um dia, dois, muitos, mas nenhum choro confirmava o tão esperado nascimento. Até que ele se aproxima da casa e encontra a mulher chocando algo que ela não permitiu ser visto, ele respeita essa decisão, mas fica esperando, impaciente. Passaram-se semanas até que o homem impacienta-se e qual é o tamanho da sua surpresa quando descobre o que estava sendo gerado:

O embrulho lhe tombou das mãos e se espalmilhou na areia. Foi quando, de dentro dos panos, se soltou um pássaro, muito verdadeiro. Levantou voo, desajeitado, aos encontrões com nada. [...] agachada num canto estava a mulher, de ventre liso. **Junto dela a capulana ainda guardava sangue. Areias revolvidas mostravam que ela já escavara o chão, encerrando a cerimônia.** (COUTO, 2014, p. 66-67, grifos nossos).

É possível verificar, claramente, que a personagem feminina mimetizou a vida de um tucano, toda a cerimônia fora realizada e a ave saíra do meio dos panos, mas por outro lado, podemos observar que a capulana dela estava suja de sangue, o que sugere um parto humano. Como aquilo acontecera? Aquela mulher gerara dentro de si uma ave ou o bebê se transformara nela após o nascimento e o contato prolongado com a terra? Segundo Eliade (1992):

[...] A geração e o parto são versões microcósmicas de um ato exemplar realizado pela Terra; a mãe humana não faz mais do que imitar e repetir este ato primordial da aparição da Vida no seio da Terra. Por isso, a mãe humana deve colocar-se em contato direto com a Grande Mãe, a fim de se deixar guiar por ela na realização do grande mistério que é nascimento de uma vida, para receber dela as energias benéficas e encontrar aí a proteção maternal. (ELIADE, 1992, p. 199).

O comentário acima parece explicar o fato de aquela mulher ficar deitada de barriga para baixo durante sua gestação, mas uma dúvida permanece: como ela conseguiu chocar um tucano? Como ocorrera aquele processo? Teria aquela personagem recebido orientações da própria Mãe Terra sobre como proceder à rara gestação ou a mulher mesma seria a autora daquela ideia? Logo após todo esse processo, o homem acaricia a terra, demonstrando respeito ao que acontecera ali.

A luavezinha: a ave que sonhava em morar na lua

Dentre as narrativas da coletânea *Contos do nascer da terra* (2014), estão presentes histórias que Mia Couto dedica à sua filha Rita, são elas: *A menina sem palavra* e *A luavezinha*, conto a que essa leitura se dedica. Mia Couto começa a narrativa com um comentário fraterno: “[...] minha filha tem um adormecer custoso. Ninguém sabe os medos que o sono acorda nela. Cada noite sou chamado a pai e invento-lhe um embalo.” (COUTO, 2014, p. 71).

Nas sociedades de tradição oral, a palavra é de extrema importância e colocar a criança em contato com histórias que estimulem e provoquem sua imaginação promove o desenvolvimento de sua criatividade e pensamento crítico, segundo Lourenço Joaquim da Costa Rosário (1989): “[...] as narrativas de tradição oral são o reservatório dos valores culturais de uma comunidade com raízes e personalidade regionais, muitas vezes perdidas na amálgama da modernidade”. (1989, p. 47). Em uma sociedade que não possui escrita, a palavra é o meio usado para transmitir valores culturais, religiosos e educacionais, são crenças e conhecimentos que vão sendo transmitidos pelas gerações e por meio desse processo mantem-se vivos na coletividade.

Na narrativa em análise, observa-se que Rita é uma criança esperta, o autor revela: “desse encargo [contar histórias] me saio sempre mal. Já vou pontuando fim na história quando ela me pede mais: / - E depois?” (COUTO, 2014, p. 71). Mas o escritor não desiste e em uma tentativa de saciar a sede infinita da menina por histórias e livrar a criança do desejo de ser lua, Couto lhe conta a história da luavezinha, uma ave que desejava morar na lua.

Fica claro que o objetivo do autor ao contar aquela história à filha é mostrar que a realidade se modifica a depender da perspectiva: na Terra, a menina é apaixonada pela lua, mas uma vez com os pés na lua, talvez isso mudasse, já que ela desconhece a realidade lunar. Assim ele procede e o faz sem impor uma forma realista, já que uma criança não vê o mundo como os adultos o veem. Nesse sentido, os efeitos da narrativa podem ser assemelhados aos efeitos dos contos de fadas, é o que sugere determinadas reflexões de Bruno Bettelheim que se refere aos contos de fadas como textos que:

[...] deixam à fantasia da criança o modo de aplicar a ela mesma o que a estória revela sobre a vida e a natureza humana. O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes para ela. [...] uma criança confia no que o conto de fada diz porque a vida de mundo aí apresentada está de acordo com a sua. (BETTELHEIM, 2002, p. 47).

Explicar a realidade de forma objetiva e científica não convencerá uma criança (e nem mesmo um adulto), uma vez que a infância aproxima-se do mundo de forma especial. Segundo Bettelheim (2002, p. 48), para a criança todos os seres estão vivos: animais, plantas, objetos têm uma vida muito parecida com a nossa. Como explicar à Rita que a realidade na lua não é igual à da terra? Contando-lhe uma história!

Trata-se da história de uma ave que sonhava em morar na lua, enquanto as demais aves julgam impossível voar até o astro, a pequena ave não desiste de seu objetivo. Até que: “[...] certa noite, de lua inteira, el[a] se lançou nos céus, chei[a] de sonho. E voou, voou, voou. Perdeu conta do tempo. [...]” (COUTO, 2014, p. 72) até que seu corpo caiu em outro corpo: ela havia pousado na lua! A ave contemplou aquele lugar sem fim e esperou a noite para adormecer, mas não havia dia e nem noite na lua, ali era sempre luz e cansada de ficar acordada a luavezinha quis voltar à terra. Seu desejo de retorno não se realizaria:

Bateu as asas mas não viu seu corpo se suspender. As asas se tinham convertido em luar. Com o bico desalisou as penas. Mas penas já nem eram: agora, simples reflexos, rebrilhos de um sol coado. O pássaro lançou seu grito [...], mas sua voz ficou na intenção. A ave estava emudecida. [...] triste, ela chorou. Mas as lágrimas não escorreram. (COUTO, 2014, p. 72).

Ou seja, “ela estava cativa da lua, aprisionada em seu próprio sonho” (COUTO, 2014, p. 73), foi então que a ave escutou a voz da lua. Em suas palavras: “– *Eu sonhei que tu vinhas cantar-me. / - Eu também sonhei que haveria de pousar em ti. / - Eu sei. Agora vais cantar em luar. Eu sonhei assim e nenhum sonbo é mais forte que o meu.*” (COUTO, 2014, p. 73). Desse modo o astro tão desejado e sonhado se tornou a prisão de luavezinha. O narrador conclui afirmando que ainda hoje o pássaro sonhador canta na lua, que o escuta apenas à noite e que o cacimbo que cai nas primeiras folhas da madrugada são lágrimas do pássaro que um dia sonhara em pousar na lua.

A narrativa é finalizada, mas a menina ainda pergunta ao pai: “– *E depois?*” o que revela a veracidade do argumento inicial de Couto ao escrever a narrativa: não importa o quanto ele invente e conte, a menina tem uma sede infinita por histórias.

Raízes: o homem plantado na terra

A terceira narrativa escolhida para essa análise é surpreendente do início ao fim, trata-se da história de um homem que certo dia amanheceu plantado na terra: ele criara raízes e agora estava entrelaçado ao solo, sua mulher tenta ajuda-lo em vão, ao cortar suas raízes elas sangram e a mulher percebe que não deve prosseguir. Muitas pessoas acorrem ao homem para tentar ajudá-lo a se desprender do solo:

Juntaram uns tantos, gentes da terra. Aquilo era assunto de camponês. Começaram a escavar o chão em volta. Mas as raízes que saíam da cabeça desciam mais fundo do que se podia imaginar. [...] Revesavam-se os homens, cada um com sua pá mais uma enxada. [...] E laborou-se semanas e meses. (COUTO, 2014, p. 198).

Contrariamente à expectativa do leitor, homem algum encontrava o fim daquelas raízes que se multiplicavam cada vez. E isso não lhes causa algum tipo de estranhamento: as personagens da narrativa não lançam como hipótese o acontecimento sobrenatural, apenas esforçam-se para que

aquele homem liberte-se. Sem obter nenhum resultado desistem de tentar libertar o homem, e a mulher sem saber mais o que fazer, procura o auxílio dos sábios, afinal: como desprender o homem inteiro da terra?

O mito do surgimento do poeta

Os sábios analisam aquela situação e tentam encontrar uma solução para o problema do homem plantado na terra, após conjecturarem algumas aporias o mais velho sábio enuncia que a cabeça do enraizado tem que ser transferida, a narrativa encerra com a conclusão do sábio:

- *Vamos plantar a cabeça dele lá! [...]*

- *Lá, na lua.*

E foi assim que, por estreia, um homem passou a andar com a cabeça na lua. Nesse dia nasceu o primeiro poeta. (COUTO, 2014, p. 199).

A expressão “está com a cabeça na lua” existe em diversos lugares e é comumente utilizada para argumentar que a pessoa está distante, não está atenta ao assunto que está sendo tratado. Na narrativa de Couto, entretanto, a expressão ultrapassa esse sentido e é assimilada ao surgimento do poeta, ganhando, portanto, a natureza de mito.

Eliade, em *Mito e realidade* (1998), inicia seu estudo argumentando sobre a importância do mito vivo para as sociedades das quais eles fazem parte, nessas sociedades “[...] o mito fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência.” (ELIADE, 1998, p. 8), logo, o mito constituinte dessas sociedades. O conceito de mito do estudioso confere ao mesmo o caráter de uma história verdadeira e sagrada, segundo o teórico:

[...] O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (ELIADE, 1998, p. 11).

É possível encontrar na narrativa em análise a história de uma criação, a criação do poeta, entretanto, isso não se dá por meio de forças sobrenaturais, são as personagens que criam seu próprio mito quando arrancam a cabeça do homem plantado na terra e a jogam na lua. Logo após esse acontecimento nada mais é feito ou dito, o homem continua plantado na terra enquanto sua cabeça é transferida para o astro lunar.

O mundo “real” e os elementos mágicos

A “realidade” e os elementos aparentemente mágicos andam lado a lado nas narrativas

do moçambicano Mia Couto. Trata-se de histórias entrelaçadas que participam do cotidiano das personagens das narrativas sem causar qualquer questionamento ou estranhamento, o que pôde ser observado nos contos escolhidos para essa análise. Como uma mulher pode chocar um tucano? Como um homem amanhece plantado na terra? Esses são apenas alguns questionamentos que podem passar pela cabeça do leitor dos contos do escritor moçambicano.

Nas narrativas de Mia Couto não é incomum encontrar humanos, animais e plantas partilhando o planeta e os mais diversos tipos de experiências: a experiência do nascimento, da morte, da territorialidade e da itinerância, do diálogo e da produção de mito, além também do convívio com criaturas boas e/ou apenas aparentemente boas.

Em *O último voo do tucano* não é possível saber como aquela mulher gerara um tucano, como ocorrera aquele processo e de que forma a terra contribuiu para isso, mas é possível constatar o papel fundamental da grande Mãe Terra na gestação e no nascimento de uma nova vida. Ao leitor é dado perceber que o papel mítico do corpo telúrico pulsa na breve trama e impulsiona a narrativa ficcional. Não se trata da integralidade do mito, antes de seu aparecimento em um inesperado enredo e com um outro sentido.

Em *A luavezinha*, a lua, tão venerada em diversas culturas, se converte em uma vilã mimada e cruel que aprisiona a avezinha que sonhava em fazer do astro sua morada, com base nisso podemos constatar que a realidade é diferente dependendo do local e da perspectiva a partir da qual se olha. Nesse caso, a narrativa concede vida ao sonho da ave e da lua. Fica claro que o sonho do ser mítico (a lua) é mais poderoso e acaba por definir a nova vida (prisão) do pássaro. Nesse sentido, o mito impede que o desejo da ave se realize, demonstrando a permanência do poder que o mito exerce sobre os seres, humanos ou não humanos. O leitor pode observar a praticidade da lua em contraposição ao desejo incessante de ave e da menina que ouve a história, mas não adormece porque quer mais história.

Em *Raízes* é possível observar a produção do mito pelo arbítrio humano, sem a interferência de forças sobrenaturais, o mito em questão diz respeito ao surgimento do poeta, A ação narrativa inicia-se na terra e, por conselho de sabedoria, dirige-se para a lua, agora fazendo com que o leitor perceba o vínculo vertical e direto entre a raiz e o céu. Daí surge o primeiro poeta, de corpo terrestre e cabeça na lua. Vale lembrar das palavras de Jorge Luis Borges “[...] no princípio da literatura está o mito, e igualmente no fim”, daí se pode depreender que o mito que provoca a existência da literatura também é criado pela própria literatura, sua vida é promovida, igualmente, pela escritura e pela leitura, por autor e leitor.

Referências:

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. Paz & Terra: 2002.

COUTO, Mia. *Contos do nascer da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Tratado de história das religiões*. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa. *A narrativa africana de expressão oral*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa / Luanda: Angolê, 1989.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.
- SILVA, Ana Cláudia da. A escrita pós-moderna de Mia Couto. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 37 (3): 309-316, set.-dez. 2008.
- SILVA, Luciana Moraes da. *Novas insólitas veredas: leitura de A varanda do frangipani, de Mia Couto, pelas sendas do fantástico*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

Heloísa Helena Siqueira Correia

Graduada em Filosofia pela UNESP, Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP e Professora do Mestrado em Estudos Literários - UNIR. Coordena o Grupo de Pesquisa em Estudos Literários-UNIR e é membro do GT da ANPOLL “Vertentes do insólito ficcional”.

Keily Martins Francisco

Acadêmica do curso de Letras/Português e respectivas Literaturas na Universidade Federal de Rondônia(UNIR). Bolsista PIBIC/CNPq

Enviado em 01/09/2017.

Aceito em 30/10/2017.